



João Calado Guerreiro
Advogado

Negócios à parte | Nos últimos anos a economia, catapultada por uma produção petrolífera que ronda os 2 milhões de barris/dia, cresceu 25 – 30% ao ano. Sim, Angola foi, nos últimos anos, a economia que mais cresceu no mundo.

Os negócios de Luanda

Estou sentado a uma mesa num magnífico bar restaurante sobre o mar, enquanto aguardo que o chef nos autorize a passar para a mesa de jantar. O vento quente acaricia a pele dos presentes. O ambiente é animado, alegre, energético mesmo. As pessoas são bonitas, e estão impecavelmente vestidas. À porta os automóveis são tantos que não há estacionamento que chegue. Existem carros de todos os tipos mas abundam os de luxo e de alta cilindrada, particularmente os jipes. A fila para entrar é grande ou não fosse o Chill Out um dos lugares da moda. Onde se encontra para conviver o “beautiful people” de Luanda, maioritariamente angolanos mas também muitos expatriados.

Luanda é uma cidade extraordinária, de paradoxos e contrastes. Na ilha de Luanda ficam alguns dos bares e restaurantes mais in da cidade. Sexta á noite, a fila para lá chegar é enorme e anda muito, muito devagar. Se há coisa que é difícil e complicada na capital angolana é o trânsito. Pior mesmo que o lendário transito do Cairo! Porém, as distâncias são pequenas e isso ajuda.

Luanda é, para o visitante, uma boa surpresa. Para começar a cidade é razoavelmente segura. O povo angolano é pacífico. E é fantástico como em poucos anos conseguiu sarar as feridas da guerra.

Porque hoje, em Angola, olha-se sobretudo o futuro. Nos últimos anos a economia, catapultada por uma produção petrolífera que ronda os 2 milhões de barris/dia, cresceu 25 – 30% ao ano. Sim, Angola foi, nos últimos anos, a economia que mais cresceu no mundo. O PIB angolano é hoje cerca de um terço do Português: Angola 60 mil milhões de USD e Portugal 220 mil milhões de USD.

Para que se tenha uma ideia do que Angola representa no mundo dos Países de Língua Oficial Portuguesa basta dizer que o seu PIB é sete vezes superior ao de Moçambique, São Tomé e Cabo Verde juntos. Não admira pois que seja quase impossível marcar voo para Angola ou conseguir um quarto de hotel. A oportunidade é demasiado boa para que os empresários, nomeadamente os portugueses, a percam.

É certo que a subida do petróleo ajudou. Os Angolanos sabem isso melhor do que ninguém. Gerir o país com o petróleo a 20 dólares é muito diferente de geri-lo com o petróleo a 60 ou a 150. Em qualquer caso os líderes angolanos merecem ser cumprimentados pela excelente politica que seguiram em matéria de petróleo. Aquando da independência, há 33 anos, a produção de petróleo era quase negligenciável. Hoje, Angola é o maior produtor Africano.

O Governo Angolano prevê aliás, boas notícias para 2009. Apesar da baixa do petróleo estima-se a criação de 320 mil novos empregos, um crescimento económico de 11,8% e a redução da taxa de desemprego para 22,5%.

Diga-se que o optimismo parece mais que justificado. Luanda tem imensa pobreza. Mas a verdade é que a actual liderança, que obteve uma retumbante vitória nas eleições, tem feito muitas coisas boas. O aumento do preço do petróleo não explica todo o sucesso da economia angolana.

É evidente que apesar do optimismo ainda há muito para fazer. A longa fila de navios ao largo de Luanda ilumina o oceano á noite e recorda que um dos maiores estrangulamentos da economia é o porto, que precisa, de uma ampliação urgente. Hoje, os navios aguardam cerca de 2 meses para descarregar.

Em Angola há uma sensação de novo e de reconstrução que energiza. Vários grupos económicos nacionais emergentes surgem em áreas tão diversas como a promoção imobiliária, a banca, a

distribuição automóvel ou a construção. A construção é, aliás, a primeira impressão que o visitante tem: as gruas compõem a paisagem de Luanda de uma forma que só vi no Dubai.

Angola tem sido, para as empresas portuguesas, o Eldorado. Lá, há o crescimento económico, a vontade de fazer, os impostos baixos e a liberdade - económica - que falta aqui. Claro que a burocracia é um problema, e que a pobreza e a falta de salubridade são questões que levarão gerações a resolver. Escrevo, porém, a 11 de Novembro, dia da independência de Angola. E neste dia os Angolanos merecem os parabéns pelo muito que fizeram em tão pouco tempo.